

# QUESTÕES DE IDENTIDADE E DE TERRITÓRIO EM *O RETORNO*, DE DULCE MARIA CARDOSO

*ISSUES OF IDENTITY AND TERRITORY IN THE RETURN, BY DULCE MARIA CARDOSO*

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v15i30p197-209>

Patrícia Names<sup>1</sup>

## RESUMO

Rui é um adolescente nascido em Luanda que, aos 14 ou 15 anos de idade, em razão da guerra civil angolana, é obrigado a abandonar sua casa e mudar-se para outro país. Portugal para o narrador-personagem é apenas um mapa na parede da sala de aula. Após presenciar o pai sendo levado à força por um grupo de guerrilheiros locais de Luanda, Rui é levado para Portugal somente com a mãe e a irmã. Pretende-se identificar na obra *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso (2012), questões na narrativa que nos convidam a refletir sobre identidade e território, assim como, da mesma forma, quando dizem respeito aos deslocamentos de pessoas e à nostalgia pelos lugares e vínculos deixados. Com isso, argumenta-se que é por meio das memórias afetivas e territoriais do passado em África que a interferência da metrópole portuguesa se processa na descoberta e na formação de uma nova identidade do personagem da obra.

## PALAVRAS-CHAVE

Identidade; Território; Literatura portuguesa contemporânea.

## ABSTRACT

Rui is a teenager born in Luanda who, at the age of 14 or 15, due to the Angolan civil war, is forced to leave his home and move to another country. Portugal for the narrator-character is just a map on the classroom wall. After witnessing his father being taken by force by a group of local guerrillas from Luanda, Rui is taken to Portugal with only his mother and sister. It is intended to identify in the work *The Return*, by Dulce Maria Cardoso (2012), questions in the narrative that invite us to reflect on identity and territory, as well as, in the same way, when they concern the displacement of people and nostalgia for the places and ties left behind. With this, it is argued that it is through the affective and territorial memories of the past in Africa that the interference of the Portuguese metropolis is processed in the discovery and formation of a new identity of the character of the work.

## KEYWORDS

Identity; Territory; Contemporary Portuguese Literature.

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

## INTRODUÇÃO

A maior saga de retorno é a de Odisseu, imortalizada no poema atribuído a Homero. Odisseu, ou Ulisses na versão latina do herói grego, é provavelmente o personagem mais conhecido de toda a literatura antiga (March, 2015). Homem de muitos ardis e expedientes, Odisseu, depois de lutar em Troia, teve suas qualidades postas à prova nos dez longos anos necessários para que retornasse ao seu reino, seu lar em Ítaca, uma das numerosas ilhas gregas do mar Jônio (March, 2015). Quando Calipso, uma das ninfas do mar, lhe ofereceu a imortalidade, respondeu-lhe Odisseu, conforme o trecho do Canto 5 (214-222), abaixo transcrito:

Deusa querida, não te irrites comigo. Ninguém sabe melhor do que eu que a minha adorada Penélope, seja no porte, seja na beleza, comparada contigo some [...] Mesmo assim, espero, dia vem, dia vai, voltar para casa. Rever o que é meu, desejo só isso. Se eu sofrer no mar cor de vinho perseguição divina, aguentarei (Homero, 2008, p. 23).

O título do livro *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso (2012), faz referência aos cidadãos portugueses que, após a descolonização portuguesa no continente africano, tiveram que retornar para Portugal. Tal evento migratório provocou uma verdadeira fissura na composição da identidade do menino Rui, o narrador-personagem do livro, que muda de Luanda, sua terra natal, para a capital portuguesa, Lisboa, por conta das guerras civis ocorridas nas ex-colônias portuguesas na década de 1970. A essência originária que alimentaria a constituição do menino passa a ser trespassada por um núcleo territorial, cujo desdobramento se concebe na composição de uma diferença exclusiva entre os portugueses da metrópole e aqueles retornados de Luanda, vez que o menino sente na pele a força do preconceito de ser reconhecido apenas como um imigrante da ex-colônia angolana.

De início, a narrativa se passa em um cenário de violência civil, em que o caos está instalado nas ruas de Luanda: falta de água e de bens essenciais, o comércio e os serviços públicos em colapso, ameaças de morte contra os colonizadores etc. Assim, para muitos, abandonar Luanda era visto como a única saída possível para a sobrevivência. Então, por meio de uma ponte aérea ou por navios, famílias de colonizadores foram de Angola para Portugal, entre meados de julho e novembro de 1975. Essas famílias

de colonizadores portugueses são levadas e albergadas em hotéis mantidos pelo IARN (Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais). Portanto, é tendo isso como pano fundo, que a narrativa, ora analisada, se desenvolve.

## QUESTÕES DE IDENTIDADE E DE TERRITÓRIO

Começar pelas palavras, conforme anuncia o historiador da literatura brasileira Alfredo Bosi, talvez não seja coisa vã, isto porque “as relações entre os fenômenos deixam marcas no corpo e na linguagem”. Com efeito, segundo destaca o referido escritor, a palavra “*colo* significou, na língua de Roma, *eu moro, eu ocupo a terra, e, por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo*”, já a palavra *incola*, descendente de *colo*, significava “o habitante”, outra palavra é *inquilinus*, ou seja, “aquele que reside em terra alheia” (Bosi, 1992, p. 11). *Colo*, enquanto lugar que se ocupa, terra ou povo, é a matriz da palavra *colonia*, já *colonus* “é o que cultiva uma propriedade rural em vez do seu dono” (Bosi, 1992, p. 11). Seguindo nesta perspectiva conceitual, existem dois processos para se classificar os tipos de colonização: “o que se atém ao simples povoamento” e o que se refere “à exploração do solo” (Bosi, 1992, p. 12). A palavra *colo* está implícita em ambos os processos: “eu moro, eu cultivo” (Bosi, 1992, p. 11-12) e, partindo destas circunstâncias de linguagem, o *incola*, isto é, o habitante que emigra, torna-se *colonus* (Bosi, 1992, p. 12).

Como narrado na obra *O retorno*, a vida dos ancestrais de Rui, em Portugal, é anterior à colonização de Angola pelos portugueses. Os pais de Rui eram portugueses que foram para Luanda como colonos. Rui nasceu em Luanda. Com isso, a cidade portuguesa do imaginário territorial do narrador é visualizada como um elemento cuja existência é anterior ao seu nascimento. Assim, por nascer em Luanda, ele forma a sua identidade através da incorporação e solidificação das influências sociais e afetivas exercidas por aquele ambiente vivido em Angola.

No início da obra, o pai do Rui não acredita que por conta dos conflitos civis em Luanda deveria a família abandonar a cidade e ir para Portugal. A seguir, trechos da conversa do pai de Rui com o vizinho, o Sr. Manoel:

O Sr. Manuel foi o mais esperto, embarcou com a família no Príncipe Perfeito no dia 31 de dezembro do ano passado, ainda quase não se ouviam tiros nem o martelar dos contentores, não vos dou um ano para

estarem todos a fazer o mesmo, queira deus queira que nessa altura ainda haja navios e madeira bastante para encaixotarem o que têm (Cardoso, 2012, p. 28).

isto vai ficar melhor, vamos deixar de ser portugueses de segunda (Cardoso, 2012, p. 29).

beba uma cerveja, homem, que vê as coisas de outra maneira, o Sr. Manuel recusava, você ri-se mas os comunistas da metrópole querem-nos fora daqui e vão conseguir, já desarmaram os nossos soldados [...] queira deus queira que quando me derem razão não seja tarde demais. (Cardoso, 2012, p. 29).

Com efeito, a narrativa da obra é permeada por diálogos articuladores entre a composição identitária dos personagens, que se movimentam entre a identidade angolana e a identidade portuguesa, e a relação de causalidade desse evento migratório vinculado ao novo lugar de habitação. Há uma característica originária no fato de que é o pai de Rui quem possibilita ao filho o estímulo à formação de uma identidade cultural, identidade essa também articulada pelas memórias de sua terra natal. Os diálogos ocorrem através da interação entre os elementos da territorialidade (Angola e Portugal) e das memórias do adolescente Rui, enquanto elemento promotor da potencialidade narrativa.

A professora de cultura inglesa e de teoria literária na Universidade de Konstanz, Aleida Assmann (2011), estudiosa das histórias de Shakespeare, ao descrever a luta das recordações encenadas nas histórias do dramaturgo inglês, ressalta que definir-se significa posicionar-se nos âmbitos do sexo, da ética e da política e que, além disso, definimo-nos a partir do que lembramos e esquecemos juntos e a reformulação da identidade sempre significa também uma reorganização da memória.

Outro segmento narrativo, a respeito dos temas de identidade, deslocamentos de pessoas e crise de identidade, pode ser visto na obra *Visagens de Cabo Verde: ensaios de antropologia visual e outros ensaios*, quando o escritor José Rogério Lopes (2015, p. 83) descreve uma das percepções que teve em Cabo Verde, na cidade de Praia, ilha de Santiago, sobre o fato de pessoas passarem “longos períodos olhando o mar, em vários momentos do dia”. Esse hábito de olhar para o mar, em especial quando se trata daqueles que moram nas ilhas de Cabo Verde, conforme relata Lopes, é um sistema linguístico repleto de mensagens e modos de

significações das comunidades litorâneas que, de certa forma, tem suas histórias, deslocamentos e trajetórias de migração, em especial, pelo mar. O ato de olhar para o mar reflete aquilo a que Lopes (2015, p. 88-89) chamou de “percepção de transição” e “nostalgia de continente”, haja vista ser o mar a expressão da “nostalgia pelos lugares e vínculos deixados”.

Assim, a narração da vivência do menino, inserida num processo de colonização, relaciona, tacitamente, sua identidade com a forma de ver o mundo, dando ao leitor uma percepção sociológica de identidade elaborada como uma interação da identidade de Rui, com um diálogo contínuo com o mundo cultural exterior, seja esse diálogo composto pelo mito afetivo, tal como a imensidão daquele mar que traz a saudade daqueles que por ele partiram, como pelo mito geográfico do imaginário do colonizador, tal qual a imensidão da metrópole portuguesa que figurava na instrução escolar do narrador Rui, criou no adolescente uma expectativa, agora, frustrada (Cardoso, 2012).

Sucede no desenrolar da narrativa que Rui, a mãe e a irmã vão para Portugal sem o pai. Já à chegada na cidade portuguesa, nítido é o desencanto do personagem com a cidade: “A metrópole tem de ser toda como este hotel, o que hoje vimos antes de aqui chegar só pode ser um engano” (Cardoso, 2012, p. 83-84). E sobre a frustração ao ver uma metrópole portuguesa bem diferente daquela que o personagem imaginava, Rui desabafa:

A metrópole tem de ser como este hotel que até no elevador tem uma banquetta forrada a veludo. Portugal não é um país pequeno, era o que estava escrito no mapa da escola, Portugal não é um país pequeno, é um império do Minho a Timor. A metrópole não pode ser como hoje a vimos no caminho que o táxi fez, ninguém nos ia obrigar a cantar hinos aos sábados de manhã se a metrópole fosse tão acanhada e suja, com as ruas tão estreitas onde parece que nem cabemos (Cardoso, 2012, p. 83).

Não, a Metrópole não pode ser como hoje a vimos (Cardoso, 2012, p. 84).

Como contribuição importante para se entender o racismo que todos aqueles filhos dos portugueses sofreram quando chegaram a Portugal, como retornados de Angola, podemos seguir o caminho do raciocínio de Antônio Bispo dos Santos (2023), que, ao examinar que há outros modos de organização que se diferenciam do Estado moderno, fez a observação essencial de que esse Estado, independente do governo

circunstancial, é uma forma de organização estruturalmente colonialista, condição essa que sabemos que traz consigo, como qualidade histórica inerente, o racismo como apoio ao modo de produção econômica e cultural. Segundo Santos (2023, p. 47):

Existem modos de vida fora da colonização, mas política, não. Toda política é um instrumento colonialista, porque a política diz respeito à gestão da vida alheia. Política não é autogestão. A política é produzida por um grupo que se entende iluminado e que, por isso, tem que ser protagonista da vida alheia. A democracia é uma coisa eminentemente humana. Os outros seres, os outros viventes no mundo, não exercitam esse movimento. Eles não têm vidas parecidas com isso. [...] Só os humanos têm essa estrutura em que um vive para gerir a vida do outro verticalmente, para defender o direito dos outros. [...] Do reino animal, só existe política na espécie humana. Nas outras espécies existe a autogestão.

Na prática, não há grande diferença entre gestões de esquerda e de direita. O Estado é um ambiente colonialista. Um ambiente colonialista e abstrato. Não existe governo bom para Estado ruim. Assim como não existe motorista bom para carro ruim, ou maquinista bom para trem ruim. Qualquer governo que governar este Estado será um governo colonialista, porque o Estado é colonialista. [...] Qualquer governo de um Estado colonialista será um governo colonialista. É preciso contracolonizar a estrutura organizativa.

E é assim, através das lembranças daquilo que sempre foi ensinado a ele quando criança, que o narrador personagem vai contestando a realidade da capital portuguesa, realidade essa bem diversa daquela ensinada a ele na escola, em Luanda:

A prova de que Portugal não é um país pequeno está no mapa que mostrava quando o império apanhava da Europa, um império tão grande como daqui até a Rússia não pode ser uma Metrópole com ruas onde mal cabe um carro, não pode ter pessoas tristes e feias, nem velhos desdentados nas janelas tão sem serventia que nem para a morte têm interesse. Lá os velhos tinham dentes postiços muito brancos e andavam de um lado para o outro com chapéu na cabeça e os fatos dos trópicos engomados (Cardoso, 2012, p. 84).

É possível dizer que Rui, preso nas memórias de Angola e nas lembranças do pai, transita entre o tempo passado (pois ainda se vê como o filho confiante nas soluções do pai), e o tempo futuro, quando sozinho

faz planos de levar a mãe e a irmã para a América, pois acredita que o pai desaparecido não mais retornará. Na narrativa literária em análise, os retornados têm de se conformar não mais com a expansão geográfica colonizadora realizada no continente africano, como na época da colonização de Angola, mas com os limites de um Portugal pequeno e vencido, sem lugar para todos os cidadãos portugueses.

Outro ponto a ser destacado na narrativa é o local de moradia para o qual a família de Rui foi destinada. Eles foram encaminhados a um hotel de Portugal, disponibilizado pelo Governo para receber os retornados, considerado um dos hotéis cinco estrelas do país, porém, por conta da grande demanda de retornados encaminhados a esse mesmo hotel, a fim de também receberem moradia, não demorou muito tempo para que faltassem acomodações nos quartos devido à sobrelotação e para que a estrutura administrativa do luxuoso hotel colapsasse, situação essa que gerou ainda mais inconformismo à família de Rui, em especial a sua mãe.

No decorrer na narrativa, a mãe de Rui não aceitava chamar de casa o hotel onde estavam alojados em Lisboa, em especial porque a mãe também não queria aceitar a ideia de não mais retornar a morar na sua verdadeira casa, em Luanda, ou em qualquer outro lugar que o pai os levaria quando retornasse. O fato da mãe de Rui não aceitar que viveriam, talvez em definitivo, em Lisboa, bem como a forma encontrada pela mulher, de buscar a si mesmo através de uma linguagem de negação territorial, através da não aceitação daquele novo lugar, reflete uma certa dialética de não reconhecimento, ou aceitação, do si em relação ao outro. Em outras palavras, pode-se dizer que na narrativa a mãe de Rui rejeita ver “o si-mesmo” na “qualidade de outro” – a mulher imigrante da ex-colônia (Ricoeur, 2014, p. XV).

Numa outra perspectiva literária, é a obra *Luanda, Lisboa, Paraíso*, da escritora angolana Djaimilia Pereira de Almeida (2019). Na referida narrativa as personagens Cartola e Aquiles, pai e filho, respectivamente, sentem na pele o preconceito do racismo em Lisboa, por terem chegado em Portugal como imigrantes da ex-colônia africana. Com a decepção do pai, que sempre havia se “sentido um coimbrão honorário” (Almeida, 2019, p. 18), de não ter sido recebido na capital, nem ele, nem o filho, como verdadeiros cidadãos portugueses, e em meio à melancolia e à desventura, Cartola e Aquiles, inseridos em uma nova realidade, descobrem na metrópole portuguesa a possibilidade de darem um outro sentido às suas

vidas, seja trabalhando para ganharem a vida, seja fazendo amigos por lá, seja morando em um bairro chamado Paraíso. É nesse sentido que me refiro a um outro olhar narrativo trazido pela escritora angolana. A obra, cujos personagens, a princípio, provisoriamente, foram obrigados a irem morar na capital portuguesa por uma questão de saúde, veem no retorno a Luanda algo quase que impossível de se desejar, apesar dos elos familiares que ainda persistem entre Angola e Portugal.

Nesse sentido, a identidade, assim como a diferença, somente pode ser compreendida dentro dos sistemas de significação, dos quais ela adquire sentido, seja o familiar ou o afetivo, seja o territorial. Para Thomaz Tadeu da Silva (2014, p. 78), a identidade não surge da natureza, mas sim da “cultura” e “dos sistemas simbólicos que a compõem”, ressaltando que tanto a identidade, quanto a diferença, não são “determinadas, de uma vez por todas, pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhes dão definição”, uma vez que a linguagem é, em si própria, “uma estrutura instável” e símbolo de poder. No entanto, conforme escreve Silva (2014, p. 82):

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...] dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmando a identidade significa demarcar fronteiras [...]. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder.

Essas situações de melancolia podem ser vistas no trecho a seguir, em que Rui fala da vista da rua que dá ao mar pela varanda do hotel, da vista ampla do mar pelo terraço, percebe-se o olhar melancólico dos personagens que buscam imaginar um novo itinerário de sobrevivência que aponta à imensidão, ao horizonte através do mar à vista, da saudade da terra.

Um quarto pode ser uma casa e este quarto e esta varanda de onde se vê o mar é a nossa casa. A mãe e a minha irmã não pensam assim e por isso se estamos na rua nunca dizem, vamos para casa. Dizem sempre, vamos para o hotel. Às vezes, a mãe põe os olhos lá longe no mar e suspira, não há lugar como a nossa casa. [...] Só que agora nunca mais podemos regressar e não adianta ficar a olhar para o outro lado do mar. Mas se



contrario a mãe e digo, nunca mais podemos voltar, a nossa casa já não existe, a mãe fica zangada, estás a arreliar-me, e eu, a nossa vida lá acabou é melhor esquecer a casa e a saudades que tem da casa, tem de se esquecer de tudo, a mãe cada vez mais zangada, eu insisto, temos de esquecer, a mãe manda-me calar, a falta que o teu pai cá faz, tornaste-te muito desrespeitador, a falta que um pai faz. Sobre o pai não digo uma palavra. O tempo acabará por fazer com que a mãe e a minha irmã saibam o que aconteceu. E por fazer com que as saudades que tenho do pai não me façam chorar quando estou sozinho (Cardoso, 2012, p. 163).

Gosto de ir para o terraço, de passar lá as tardes. Descobri uma maneira de forçar a porta que está no cimo das escadas de serviço e vou para lá muitas vezes mas nunca contei a ninguém para não perder o único sítio onde posso ficar sozinho. [...] Aqui no hotel há sempre gente à volta. É difícil pensar com tanta gente à volta. Mesmo estando calado é como se estivesse a falar com os outros ou como se os outros vigiassem os meus pensamentos (Cardoso, 2012, p. 163-165).

A socióloga Linda Tuhiwai Smith (2018, p. 75) nos lembra que foi no referido período histórico do Iluminismo, o chamado Século das Luzes, que a Europa proveu o espírito e a estrutura econômica e a política que facilitaram a busca por novos conhecimentos científicos, conhecimentos estes centrados na “superioridade posicional do conhecimento ocidental”. O imperialismo, por meio de políticas de expansão e domínio territorial e cultural, estabeleceu colônias nos territórios “descobertos” e a sistemática colonização dos povos originários nos séculos XVIII e XIX. Com efeito, a colonização dos povos de outras regiões geográficas foi uma das faces do modernismo.

Com isto, tem-se que o espaço onde estão inseridos os personagens da obra vai além da realidade geográfica da cidade portuguesa, incluindo-se o espaço não visível das circunstâncias morais, culturais, filosóficas e sociais. É também nesses espaços que Rui e a família habitam enquanto o pai não regressa e a vida deles não se resolve. Vivendo nesse tempo suspenso, não há mais espaço concreto a ser conquistado. Existe, apenas, o espaço metafórico descrito pelo narrador: o terraço do hotel. Com efeito, é apresentado um novo cenário sobre o qual a história passa a se desenrolar, com outros elementos culturais que servem como elemento de produção de sentido para a construção da identidade do menino.

Como descrito no trecho abaixo, o terraço é o local secreto de Rui, construído subjetivamente por ele e para ele; o terraço é o local onde o

narrador estabelece as suas relações de pertencimento e identificação àquele lugar. É nesse espaço subjetivo, entre as memórias de Luanda, que as identidades angolana e portuguesa coexistem na voz desse personagem.

Conforme a narrativa da obra, não é possível definir por quanto tempo os imigrantes ficaram albergadas no hotel. A narrativa da obra é apresentada como uma espécie de rememoração descontínua, uma mistura de memórias afetivas de Luanda com pinceladas de esperança numa vida nova na capital portuguesa, longe dos conflitos de Angola. Considerando que a presença da família de Rui naquele lugar é marcada pela espera do pai em Lisboa, que não se sabe ao certo se está vivo ou morto, percebe-se a angústia do narrador personagem ocasionada por aquela espera que restringe qualquer possibilidade de identificação, de encontro, enfim, de reconhecimento do personagem com a nova terra que lhe foi destinada.

A identidade de Rui, dessa forma, se estabelece mediante uma combinação linguística que privilegia as premissas da pós-modernidade sobre a identidade cultural, ressignificada pela fragmentação dos códigos culturais e pela desvinculação de tempos, lugares, histórias e tradições particulares, permitindo que a identidade flua espontaneamente. Assim, durante o tempo em que os demais retornados esperam pela ajuda do Estado português, Rui e a família esperam pelo retorno do pai, que para eles era o verdadeiro chefe da família, aquele que tudo resolvia. Com efeito, enquanto persiste o dilema da ausência do pai, como já mencionado anteriormente, ocorre uma espécie de interrupção do tempo pela espera e que, nessa espera, nesse tempo interrompido, o narrador vai formando a sua identidade e a sua narrativa se concentra e se constitui nesse espaço convergente de dúvida, uma vez que ele não sabe, ao certo, se o pai irá ou não voltar.

Seguindo a ideia do filósofo francês Roland Barthes (2013, p. 57), de que a “morte do pai privará a literatura de muito de seus prazeres”, pois, “se não há mais pai, de que serve contar histórias?”, é possível dizer que Rui reinventa seu passado e vai formando as narrativas de sua identidade, mediante as lembranças que guarda do pai e, com isso, a memória que Rui conserva está intrinsecamente ligada ao reconhecimento de si e do outro, isto é, à subjetividade e à alteridade.

Com isto, tem-se que atribuir significado e compreender as relações pessoais e a imprescindibilidade do outro se evidencia na linguagem do

narrador, que produz a sua própria busca de sentido nas experiências cotidianas humanas, como é possível ver no recorte abaixo:

Bateram à porta do nosso quarto a meio da noite, com o código que inventámos quando foi decretado o recolher obrigatório lá, um toque rápido duas vezes e um terceiro espaçado e mais demorado. [...] Apesar de haver quase todos os dias macas entre nós também é verdade que nos preocupamos uns com os outros, temos de nos manter unidos, os de cá ainda gostam menos de nós do que os pretos (Cardoso, 2012, p. 219).

Dito isso, as reflexões identitárias e de reconhecimento da alteridade são operacionalizadas na interioridade de Rui. Os desdobramentos desta ação no comportamento deste personagem para com o ambiente em que está inserido propiciam a edificação de sua personalidade humana, partindo da adolescência à vida adulta, e a promoção de relações benéficas que visem o equilíbrio social em comunidade, pela ótica do reconhecimento de si e do outro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade sendo complexa não é uma questão simples de ser conceituada e compreendida. Se identificar algo é dar nome às coisas, seres, povos e territórios, a palavra identidade pode ser tida como aquilo que dá nome às coisas do mundo, mas será a partir dos nomes que aprendemos a importância das coisas? Conceituar a identidade é bem mais complexo do que descrever as características humanas. Fatores como cultura, história e localidade são importantes no que se refere ao compartilhamento de elementos identitários de um grupo, de um povo que passa de geração a geração a sua própria identidade.

Num primeiro momento, na obra em análise, a narrativa exposta por Rui nos permite perceber que o personagem interpreta os valores socialmente convencionados naquele novo território, através das memórias territoriais e vivências tidas como colonizadoras em Angola. É por meio dessas memórias de Angola que o personagem vai descobrindo a si e, ao longo do tempo, através do outro, vai compreendendo sua própria alteridade. Ao longo do livro, é possível perceber que a identidade coletiva dos personagens principais reflete bem mais as memórias da vida como colonizadores em Luanda do que como retornados a Lisboa. A cidade

portuguesa é estranha para o narrador e sua família, bem diferente da cidade maravilhosa que por determinado tempo figurou no imaginário do jovem personagem.

Ainda que a análise da obra se dê quanto à questão da identidade no mundo moderno, o duplo deslocamento dos indivíduos, tanto de seus lugares no mundo, quanto de si mesmos, provoca uma crise de identidade. O lugar de mundo e a atmosfera social em que o menino viveu até antes da chegada na metrópole portuguesa, a partir da análise de identidade pela concepção sociológica, é que forneceram o conjunto de significados e valores que possibilitaram ao menino reconhecer sua própria identidade cultural e a distinguisse daquela sugerida pela metrópole portuguesa.

É na esfera das memórias do personagem onde ocorrem as vivências desse sujeito, as quais são entremeadas por componentes afetivos, sociais e culturais os quais atribuem sentido às permanências e modificações da identidade desse personagem, modificações tais como o crescimento e o amadurecimento como cidadão pertencente àquela metrópole portuguesa.

Ademais, percebe-se que, na narrativa analisada, a memória, mesmo que lacunar, consiste em um importante campo de conhecimento da identidade do narrador e em fator fundamental para a compreensão da subjetividade e da alteridade da personagem. Ante a ausência do pai, é por meio da narrativa interior que, nesse tempo subjetivo e suspenso, Rui se ocupa de formular suas ações de sobrevivência como retornado, formulando mecanismos para estabelecer suas experiências humanas e estruturar seu sentido de mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Luanda, Lisboa, Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2011.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CARDOSO, Dulce Maria. *O retorno*. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2012.
- HOMERO. *Odisseia II: regresso*. Tradução de Donald Schüller. Porto Alegre: L&PM, 2008.

LOPES, José Rogério. *Visagens de Cabo Verde: ensaios de antropologia visual e outros ensaios*. Porto Alegre: Cirkula, 2015.

MARCH, Jenny. *Mitos clássicos*. Tradução de Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.


SILVA, Tomaz T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Tradução de Roberto G. Barbosa. Curitiba: UFPR, 2018.

Recebido em 21 de fevereiro de 2023

Aprovado em 2 de outubro de 2023

Licença: 

Patrícia Names

Mestranda em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduada em Letras e em Ciências Jurídicas e Sociais também pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Procuradora Municipal no Município de Guaíba/RS.

Contato: [patricia.names@acad.pucrs.br](mailto:patricia.names@acad.pucrs.br)